

Resumo: O presente artigo possui como objetivo principal analisar o estágio atual da indústria pornô brasileira. Mais especificamente, o trabalho em tela pretende analisar os impactos das “novas” tecnologias digitais, em especial os celulares inteligentes (smartphones) e as recentes plataformas de compartilhamento de conteúdo, no ecossistema do pornô nacional. Nos últimos anos, a cadeia produtiva da indústria pornô vem passando por intensas transformações, principalmente, no que se refere à emergência de produtoras independentes que vendem seus conteúdos por meio de aplicativos. “Novos” corpos e desejos, novos consumos. Inclusão e diversidade são processos fundamentais para o capitalismo contemporâneo, pelo menos no discurso, e no campo pornográfico não seria diferente. Partindo de uma pesquisa empírica, realizada junto a produtoras e realizadoras da indústria pornográfica nacional por intermédio de entrevistas e participações em eventos voltados para o mercado pornô, como as feiras de negócios, *workshops* e festas, esta pesquisa encontra no conceito de *sexual wellness* (bem-estar sexual) um ponto chave no discurso de realizadores da área em um processo que visa aumentar engajamento e fomentar a desestigmatização do campo. Informado por um referencial teórico foucaultiano e, principalmente, recuperando o conceito de farmacopornografia trabalhado por Paul B. Preciado (Testo junkie, 2018), o trabalho a seguir pretende refletir sobre os impactos da tecnologia não somente na cadeia produtiva pornográfica, mas, também, nos formatos de distribuição de conteúdo, cada vez mais fragmentados, e de consumo, cada vez mais individualizados.

Palavras- chave: Pornografia- Tecnologias digitais- Sexualidade

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Bacharel em Ciências Sociais, mestre em Sociologia e, atualmente, doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar). Email: dionys.melo@gmail.com

Introdução

O artigo em tela tem como principal objetivo a produção de uma análise crítica a respeito do estágio atual da indústria audiovisual pornográfica brasileira. Mais especificamente, o presente trabalho pretende analisar os impactos das “novas” tecnologias digitais no ecossistema da pornografia nacional. A pornografia desde sua gênese, enquanto uma área do entretenimento moderno, desenvolveu uma relação intrínseca com as tecnologias de cada momento. Patchen Barss (2011) trabalha com o conceito de um “link profundo” (*deep link*) entre a pornografia e as ferramentas e técnicas de comunicação. Na perspectiva do autor, a indústria pornográfica desempenha um papel crucial no processo de familiarização dos sujeitos com uma nova mídia. Barss (2011) chama de “motor erótico da comunicação” (*erotic engine*) a capacidade pornográfica de influenciar a infraestrutura das formas de se comunicar e seu potencial de inovação.

No limite, sempre que novas formas de comunicação emergem, novas maneiras de produzir, distribuir e consumir pornografia se constituem. Barss (2011), ressalta a conexão econômica que faz com que os “pornógrafos” atuem, por vezes, como “desbravadores” de uma nova tecnologia. Na modernidade, o desenvolvimento de novas formas de comunicação se davam pelo aspecto financeiro, mas, também, pelo desejo de encontrar novas formas de expressar o sexo. Este “segredo sujo” (Barss, 2011:12) da história da tecnologia conecta mais do que motivações lascivas, mas, concretamente, dialoga com as razões fundamentais pelas quais a comunicação é fundamental para nos conectar³.

Cientificamente, o conceito de pornografia surge na cultura ocidental europeia durante a modernidade sociológica, entre os séculos XVIII e XIX, enquanto uma categoria de classificação associada ao campo da museologia. Os trabalhos de Walter Kendrick (1987) e Paul B. Preciado (2018b) sobre os “museus secretos” mostram como a categoria “pornografia” foi articulada, no campo da museologia, para designar um conjunto de representações da sexualidade, descobertos a partir das ruínas da cidade de Pompeia em gravuras e estatuas que sobreviveram por mais de 1600 após a catastrófica

³ O conceito de pornografia, enquanto uma forma de representação da sexualidade e também um campo de estudos, é fundamentalmente ocidental/europeu. Sendo que a pornografia enquanto um gênero literário aparece quando a cultura impressa permite a popularização do acesso aos seus escritos e ilustrações.

erupção do vulcão Vesúvio no ano 79 d.C., que deveria ser classificado e de restrito acesso⁴.

A partir da segunda metade do século XX, Paul B. Preciado (2018) identifica uma nova fase da pornografia e do capitalismo global. Preciado (2018) busca, a partir de sua pesquisa bibliográfica e documental, evidenciar o surgimento de um novo tipo de capitalismo que produz um conjunto de dispositivos micro protéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. No limite, o autor defende que a sociedade contemporânea é permeada por subjetividades toxicopornográficas que se definem pelas substâncias que abastecem seus metabolismos, pelas próteses cibernéticas e varios tipos de desejos farmacopornográficos que orientam as ações dos indivíduos e por meio dos quais eles se transformam em agentes (Preciado, 2018: 38).

Falar em um regime farmacopornográfico é pensar em um regime pós industrial, global e midiático, onde o fármaco faz referência a processos de governamentalidade biomolecular, e pornográfico diz respeito a processos de governamentalidade semióticos e técnicos da subjetividade sexual. No qual o surgimento de pílula anticoncepcional e da *Playboy*, em 1953, são paradigmáticos desse regime que têm suas raízes na sociedade científica e colonial do século XIX, mas que seus vetores econômicos se fizeram invisíveis até o final da Segunda Grande Guerra. O trabalho de Paul Preciado (2018) olha justamente para os desdobramentos da Revolução Sexual que atingiu seu ápice na década de 1960, principalmente nos países ocidentais mais desenvolvidos.

Preciado (2018), estabelece um diálogo com os teóricos de uma corrente da economia política pós fordismo que sugeriram que a matéria prima do processo produtivo capitalista contemporâneo estava no saber, na informação, na comunicação e nas relações sociais, ou seja, uma matéria prima imaterial (Maurizio Lazzarato, 2006; Yann Moulier-Boutang, 2007). Mas para Paul B. Preciado (2018), seriam o desejo, a

⁴ O surgimento do termo “pornografia”, durante o século XVIII, está intimamente relacionado com o processo de construção de uma “Scientia Sexualis” (Michel Foucault, 1988) fundamental para a estruturação da sociedade capitalista moderna. A Ciência Sexual moderna, surge justamente dentro de um processo mais amplo de categorização do saber próprio da racionalidade cartesiana moderna, onde a ciência adquire a legitimidade para produzir “verdades” sobre o sexo preocupada com o desenvolvimento de uma sexualidade produtiva e considerada “saudável” dentro dos interesses capitalistas de garantia de reprodução da mão de obra e do mercado consumidor.

excitação, a sexualidade e o prazer da multidão os motores de criação de valor agregado na economia contemporânea.

Com a ascensão da internet comercial e a profusão de conteúdos pornográficos disponíveis na rede, Preciado (2018) observa a emergência de um corpo autopornográfico pensado enquanto uma nova força da economia mundial, sendo a indústria do sexo não somente o mercado mais rentável da internet como também o modelo de rentabilidade máxima do mercado cibernético global. Onde com um investimento mínimo, basta uma câmera na mão e uma conexão estável com a rede, o sujeito vende seu produto diretamente (fotos, vídeos) em tempo real e em um formato único (páginas na web) garantindo satisfação imediata aos consumidores.

É a partir do referencial teórico exposto brevemente acima que a presente pesquisa pretende analisar o estágio atual da indústria pornô brasileira, a partir de uma pesquisa de campo realizada junto a duas produtoras pornô nacionais. A primeira, uma produtora e distribuidora de grande porte sediada na cidade do Rio de Janeiro e que chamarei de Líder Produções. A segunda, uma produtora de menor poderio econômico, sediada na cidade de São Paulo, e que chamarei de CY Porn. A escolha pelas duas não é fruto do acaso, mas, antes, uma tentativa de analisar a indústria pornô nacional de maneira mais holística, explorando as continuidades e descontinuidades estabelecidas entre elas.

Bem- estar sexual (*sexual wellness*) e diversidade: novos paradigmas da indústria do entretenimento adulto contemporâneo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa empírica, realizada entre os anos de 2020 e 2024, composta por entrevistas presenciais e/ou mediadas por aplicativos de chamada de vídeo, atividades presenciais junto às produtoras, como a participação em festas e *workshops*, e atividades de pesquisa realizadas junto às feiras de negócios do mercado do entretenimento adulto. Durante as incursões de campo cada vez mais, principalmente durante o ápice da pandemia disseminada pelo vírus Sars- Cov- 2, aparecia nos discursos dos meus interlocutores a valorização de dois conceitos chave para a nossa análise, “bem- estar sexual” e “diversidade”.

O *sexual wellness* é um movimento, com raízes no mercado do autocuidado, que busca promover o autoconhecimento sexual com ênfase no bem estar. É um movimento

comercial que busca dissociar o sexo dos estigmas e tabus associados a masturbação, aproximando-o das esferas da saúde, bem estar e autoconhecimento. O conceito passou a ganhar força dentro do mercado adulto brasileiro, principalmente, em plataformas de divulgação de produtos e temas relacionados à sexualidade, a partir do ano de 2019 e explodindo em 2021, influenciada pelo contexto pandêmico e sendo tema de diversas matérias em plataformas especializadas e sites que não eram exclusivamente centrados em questões sobre sexualidade, como domínios de grandes portais de notícias.

A ideia de bem-estar sexual vem sendo muito utilizada pela indústria do entretenimento adulto como uma forma de buscar legitimação para seu campo, sendo um conceito muito explorado pelas indústrias de cosméticos e brinquedos sexuais. Basicamente, o conceito de *sexual wellness* diz respeito mais à ideia de cuidado do que ao próprio ato sexual em si, recuperando a perspectiva de que sexo é saúde. Com a pandemia e as restrições de contato impostas por ela, a ideia de bem-estar sexual ganhou novo fôlego sendo muito acionado durante as feiras do mercado de entretenimento adulto que acompanhei ao longo do ano de 2021. A indústria do audiovisual pornô, ainda que de forma mais tímida do que outras áreas, também vem buscando trabalhar em cima dessa chave e vender seus produtos não apenas como obras que fazem ejacular, mas como conteúdos para ajudar seus consumidores a entenderem melhor o sexo e suas dinâmicas e, conseqüentemente, melhorem seus desempenhos sexuais.

Neste processo de mapeamento e análise do estágio atual da indústria pornô nacional, esta pesquisa não se restringiu apenas a olhar para uma marca. Tentando ampliar nossas percepções da indústria, as feiras de negócios do mercado adulto foram importantes espaços para a compreensão do mercado de maneira mais holística, permitindo que as tendências da indústria ficassem mais cristalinas para este trabalho. Nas feiras, o entretenimento audiovisual pornô ocupa uma parte relativamente pequena e dificilmente há estandes das marcas. Entretanto, é um espaço de sociabilização entre profissionais da área e de reconhecimento dos performers do pornô que ministram palestras, desfilam e desenvolvem algumas ações patrocinadas. As feiras são fundamentais para a percepção do que está em alta no mercado.

O trabalho de Eliane K. Carvalho (2017), realizando entre os anos de 2010 e 2016 na Erótika Fair⁵, em São Paulo, aponta como as novidades são fundamentais para a sustentação desse mercado. Nesse contexto, o trabalho de Carvalho (2017) foi um dos primeiros a perceber a importância da articulação dos conceitos de “bem-estar sexual” e “autoconhecimento por meio da sexualidade” para a nova face da indústria do entretenimento adulto que emergia a partir da metade da década de 2010⁶.

Minha primeira feira foi em agosto de 2021, cheguei até ela através de Ana⁷, que ia participar de uma mesa intitulada “Pornografia é passado? Uma conversa sobre porn, indústria, tendências e futuro”. Durante as feiras que participei, este foi o único painel que efetivamente tinha líderes de marcas consolidadas dentro do pornô. A mesa era composta por Ana (Líder Produções), Marie Declercq (Jornalista do Universo/Uol), Melissa Pitta (Camerahot) e Roy dy Paul (Xplastic).

Esta feira, que encontrava-se na sua primeira edição, batizada de “Sex Summit 2021: Mercado adulto, negócios e tecnologia” era organizada pela equipe da Sexlog/eSapiens⁸. Basicamente, a proposta do Sex Summit difere de outras feiras do gênero justamente pelo seu foco em discutir inovações tecnológicas no ramo. Sua primeira edição foi marcada pelas questões da monetização, venda online de conteúdos e produtos, mercado do *camming*, formas de impulsionamento de negócios com restrições⁹, inteligência artificial, estratégias de divulgação em plataformas restritivas

⁵ A Erotika Fair foi a maior feira de negócios do mercado adulto brasileiro durante os anos 2000/2010. A primeira edição da feira aconteceu em 1997, criada por Evaldo Shiroma, sempre na cidade de São Paulo.

⁶ Maria Filomena Gregori (2010) se aproxima dessas questões, mas em sua articulação ela batizou de “erotismo politicamente correto” o processo de feminização do mercado erótico global.

⁷ Ana é um nome fictício que utilizo no intuito de preservar meus interlocutores. Ana atua como líder do escritório da Líder Produções.

⁸ Sexlog é uma rede social adulta brasileira voltada para swing, encontros sexuais, sexo virtual e exibicionismo. Lançada em 2010, segundo a própria plataforma, em 2021 atingiu 15 milhões de usuários cadastrados. eSapiens Tecnologias S.A. é uma empresa de serviços e consultoria de tecnologia da informação (T.I), a empresa se define como uma “Venture Builder”, ou seja, uma organização que cria, válida e/ou acelera diversas startups simultaneamente. Criada por profissionais com experiência no mercado, a *Venture Builder* se aproveita de sua capacidade de conhecer o mercado da tecnologia, captar e estabelecer relações com os investidores/empreendedores e outros agentes importantes do ecossistema de inovação. O Sexlog é o carro chefe da eSapiens até o momento.

⁹ A ideia de um negócio com restrições é muito importante para os profissionais da publicidade e propaganda. Basicamente, e como o próprio nome já diz, remete a negócios que pela características do seu produto encontram dificuldades na hora de produzir ações de marketing e impulsionamento. O pornô é um exemplo clássico de negócio com restrição de impulsionamento, assim como a indústria das bebidas alcoólicas e tabagismo.

como as redes sociais convencionais (Facebook e, principalmente, Instagram¹⁰), entre outros temas menos explorados.

Já durante o Sex Summit 2021, esta investigação percebeu que a grande tendência do mercado adulto atual passa pela ideia de um mercado de bem-estar sexual. Durante a feira, alguns palestrantes trabalhavam com a noção de “[R]evolução Sexual” que basicamente seria um novo momento em que pensar a sexualidade passa a ser encarada como uma forma de autocuidado e promoção de saúde/bem-estar.

Essa “[R]evolução sexual” passa por uma abordagem mais liberal do sexo no intuito de “descolonizar a sexualidade”. Transformar o espaço predominantemente branco, masculino e hétero do entretenimento/mercado adulto em um espaço mais inclusivo e diverso. É preciso ter cuidado com esses discursos, efetivamente eles passam por uma estratégia de marketing e buscam “vender” uma imagem positiva que na prática nem sempre se traduz em fatos.

Mas aqui temos um ponto chave, pois em um mercado historicamente pensado para o homem, jovem, branco e hétero as maiores possibilidades de crescimento estão justamente nos sujeitos marginalizados, ou seja, nas mulheres, pcds, pessoas já na terceira idade, negros e populações Lgbtqi+. Efetivamente, o mercado funcionará como um facilitador do processo de absorção/assimilação dessas “novas” identidades pelo consumo ou, melhor dizendo, pela produção de desejos.

Nesse contexto, a linguagem se torna um foco de preocupação para a indústria pela sua capacidade de estabelecer conexões com os consumidores, repensar a forma como nomeamos determinadas práticas torna-se crucial neste processo de reposicionamento do mercado rumo ao combate do estigma em torno do sexo. A ideia passa não só pela promoção do bem-estar sexual, mas pela associação entre uma sexualidade positiva/saudável e saúde mental.

Feiras de negócios estão sempre focadas em possibilidades de ampliar lucros. Toda essa mudança identificada como uma “[R]evolução” é um espaço para que a indústria aumente seus ganhos. No limite, as feiras que participei visavam justamente

¹⁰ Um exemplo das dificuldades encontradas por produtoras pornôs em redes sociais convencionais pode ser observado a partir do caso da produtora nacional Brasileirinhas no instagram. Para mais ver <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/08/23/disputa-brasileirinhas-instagram.htm>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

compartilhar estratégias de monetização desse novo *mood* sexual. Por trás da ideia de “se conectar com os consumidores” está a visão estratégica e comercial de identificação de uma franja de mercado, uma demanda represada. Se conectar com o consumidor é trazer para dentro do mercado adulto novos clientes, e para isso é estrategicamente fundamental desestigmatizar esse produto e seus consumidores.

Cada vez mais a indústria adulta nacional vem buscando conciliar o aspecto comercial com o educacional. É recorrente entre os profissionais da área a ideia de que a neutralidade não permite ao mercado se conectar com o consumidor. No limite, até mesmo se posicionar se constitui em uma estratégia de se conectar e atrair novos clientes¹¹. Este processo de conciliação entre o comercial e o educacional já foi abordado no trabalho de Maria Filomena Gregori (2010) e Eliane K. Carvalho (2017), ao recuperarem em suas análises as experiências de *sex shops* estadunidenses na década de 1990. Estes estabelecimentos, voltados para um público feminino, já trabalhavam em uma abordagem comercial associada à noção de educação sexual.

Em um contexto de mudanças e novas possibilidades, como o descrito acima, a pornografia, o entretenimento audiovisual adulto, torna-se um objeto privilegiado para compreendermos as dinâmicas desses processos. A questão de se a “Pornografia é passado?” vem mobilizando o campo do entretenimento audiovisual adulto, principalmente, a partir do advento de novas possibilidades de interação sexual mediada por aparelhos, como o camming e a venda de conteúdo individualizada online por meio de plataformas específicas ou outras redes sociais.

Assim, o painel tres do Sex Summit 2021, “Pornografia é passado? Uma conversa sobre porn, indústria, tendências e futuro”, foi ao encontro de um tema que se encontrava em evidência. Com a eclosão da pandemia de covid e o consequente aumento nas restrições de contato físico entre os indivíduos. Uma das primeiras questões que surgiram para a indústria audiovisual pornô foi pensar como manter sua linha de produção e lançamento. Para tanto, o aproveitamento de conteúdos já gravados e, principalmente, a possibilidade de conduzir gravações remotas, onde por intermédio

¹¹ Este processo de conciliação entre o comercial e o educacional já foi abordado no trabalho de Gregori (2010) e Carvalho (2017), ao recuperarem em suas análises as experiências de *sex shops* estadunidenses na década de 1990. Estes estabelecimentos, voltados para um público feminino, já trabalhavam em uma abordagem comercial associada à noção de educação sexual.

de dispositivos (celulares) e programas/aplicativos de conferências remotas (meetings) as gravações não ficaram muito tempo estagnadas.

Entretanto, era inevitável que em um contexto de maior restrição houvesse uma redução da produção frente a um aumento de custos. Segundo os membros que compunham o painel temático, no contexto pandêmico começou a ganhar muita força junto ao público as “lives”¹² protagonizadas por performers e performances de sexo explícito ao vivo. Mais do que isso, a pandemia teve um papel fundamental na consolidação dos *mobiles* enquanto dispositivos de acesso aos conteúdos.

As plataformas já especializadas em transmissões ao vivo de sexo explícito, o *camming*, experimentaram uma expansão do volume de adesões nos primeiros meses da pandemia. Mais do que isso, como apontou Melissa Pitta (durante o painel), analista de marketing da plataforma Camerahot, a pandemia influenciou na própria dinâmica dos chats na plataforma. Eles se tornaram mais longos, onde a interação entre consumidor e performer passou a se dar não tanto de forma sexual, mas de maneira mais “afetiva”. Já em plataformas como a da Líder, Ana apontava a necessidade que tiveram, a partir do aumento de consumidores interessados, de investir no site para que ele conseguisse reproduzir vídeos ao vivo (lives), investimento que culminará na adoção recente, em janeiro de 2024, de um novo domínio digital para o escritório¹³.

A indústria pornô brasileira está sempre alguns passos atrás da indústria porno estadunidense, pois pela própria dinâmica econômica da nossa sociedade as novidades chegam ao Brasil com algum atraso. Melhor dizendo, no contexto globalizado atual, não é que as novidades chegam atrasadas no Brasil mas, antes, a persistência de formas tecnológicas anteriores em um momento em que já estão fora do mercado internacional. Foi assim com o VHS, DVD e, também, com os dispositivos móveis¹⁴.

Essa dinâmica faz com que a indústria porno brasileira seja feita de crises cada vez que surge uma nova tecnologia ganhando força no mercado. Por exemplo, a Líder Produções possuía um site com transmissões de streaming há pelo menos 20 anos. Mas

¹² Tendência que se reproduziu em outras esferas do entretenimento como, por exemplo, no meio musical.

¹³ Desde 2021, quando o antigo site da Líder Produções, o love.com, veiculou três lives, a plataforma não apresentou novos conteúdos nesse segmento devido a questões técnicas relativas ao antigo domínio. Somente em 2024, com o novo sítio (tasty.com) e seu ecossistema já programado para essa finalidade, que a plataforma conseguiu retomar a produção das lives, incorporando definitivamente este tipo de conteúdo ao seu portfólio de filmes.

¹⁴ Para mais ver, Dionys Melo dos Santos (2021).

só com a redução do mercado da tv por assinatura que, recentemente, o escritório que comanda a marca passou a cada vez mais focar no site e em formas de venda de assinaturas por intermédio de suas próprias plataformas digitais. Por anos o site foi visto como um suporte auxiliar àquilo que era veiculado via tv à cabo.

Quando colocamos em perspectiva plataformas exclusivas de camming e plataformas de produção e distribuição audiovisual pornô parece haver uma certa tensão. É muito comum observarmos no discurso de performers de camming a ideia de que o camming permitiria uma maior autonomia, onde cada um é seu próprio produtor de conteúdo. Mas assim como os aplicativos de motorista não produziram efetivamente uma maior autonomia para os motoristas, o que os performers do camming chamam de autonomia me parece mais a ausência de uma figura de comando. Nas plataformas de camming, os padrões, que seriam a própria plataforma e os algoritmos, estão sempre em segundo plano camuflados pelo discurso *DIY* (Do it yourself/ faça você mesmo).

Outro ponto que os profissionais envolvidos com camming buscam ressaltar, quando colocados em perspectiva com a indústria audiovisual pornô, é de que seus conteúdos seriam mais “reais”¹⁵ frente a uma indústria saturada e plástica. Evidentemente, em uma interação por camming um observador atento perceberá que a dinâmica da interação é mais personalizada, mas não me parece que colocar em termos de “mais real” seja efetivamente a melhor definição, pois ainda assim no camming estamos falando de uma performance para a tela onde a interação entre consumidor e performer é individualizada, mas que difere da esfera, por exemplo, da prostituição.

Quando olhamos para a indústria do entretenimento adulto, mas também para qualquer outra indústria capitalista, é preciso compreender que boa parte do discurso destas empresas possuem finalidades promocionais, de marketing. Por exemplo, durante o painel três do Sex Summit 2021, Melissa Pitta, analista de marketing do Camerahot, constantemente reforçava que a plataforma retirava o aspecto comercial/industrial do seu modelo de negócio, atuando “apenas” como um intermediário, uma empresa de solução tecnológica. Mas, concretamente, o que a plataforma faz é intermediar a venda de mídias, recolher seus percentuais, e transferir os ônus e bônus da produção para os performers sob o véu de uma maior autonomia profissional.

¹⁵ A “realidade” aqui está diretamente associada ao fato de as interações no *camming* se desenvolverem ao vivo. Onde mesmo que no espaço controlado das plataformas, performers e consumidores trocam mensagens em tempo real.

Durante os painéis do Sex Summit 2021, em que performers que trabalham com a venda de conteúdo sexualmente explícito “independente” eram as protagonistas, ficou latente no discurso das modelos o foco na autonomia que a plataforma permitiria. Discursos como “você é sua chefe”; “depende de você o negócio andar”; ou “somos uma empresa de uma mulher só” são recorrentes entre as performers de venda de conteúdo independente. A própria desregulação do campo pornô, faz com que as modelos se empolguem com essas novas plataformas que, por outro lado, fomentam um discurso empreendedor típico do que alguns autores batizaram como “capitalismo de plataforma”¹⁶ (Nick Srnicek, 2016; Rafael Grohmann, 2020).

Plataformas de produção e distribuição pornô, como a Líder Produções, em tese não estão competindo na mesma raia que plataformas de camming. São conteúdos de ordem diferentes com finalidades diferentes que mais que concorrência, estão em concomitância. Daí podemos compreender o esforço do escritório comandado por Ana em adentrar o mercado do *camming* a partir do nova plataforma (TASTY¹⁷). No limite, há uma simbiose entre *camming* e o pornô tradicional, onde o segundo serve como plataforma de divulgação para o primeiro. Ambas as plataformas dependem de um alto fluxo de acessos em suas bases. Assim sendo, nada mais pertinente para um performer que associar-se às duas bases de consumo e isso ajuda a compreender o fato de que as maiores estrelas do camming geralmente tenham passado pela indústria pornô convencional em algum momento de suas trajetórias.

O discurso entre os produtores do pornô convencional é de que o que atrai seguidores, a verdadeira vitrine, para os performers está no pornô tradicional. A perspectiva entre os produtores do pornô- diferentemente da dos responsáveis pelas plataformas de camming que sempre buscam se colocar em um lugar diferente/afastado da pornografia convencional- não é a de uma narrativa que coloca as plataformas em

¹⁶ O conceito de “capitalismo de plataforma” (Srnicek, 2016) busca uma melhor caracterização do estágio atual da economia global ocidental. Inicialmente, ele busca se contrapor a narrativa de uma “economia de compartilhamento”, criticando a utilização do termo “compartilhamento” para denominar a atividade econômica baseada nos aplicativos. No limite, compartilhar é uma transação que não está motivada pela intenção primária do lucro, mas, antes, por generosidade. Assim, o conceito de “capitalismo de plataforma” busca se opor a ideia de uma “economia de compartilhamento” a partir de alguns aspectos: I) colocar as plataformas digitais no centro do debate contemporâneo; II) ressaltar o fato de o fenômeno ser uma das expressões do capitalismo na atualidade, evidenciando o capitalismo como a forma de organização econômica dominante na nossa sociedade e seu potencial adaptativo; e III) pretende colocar em primeiro plano os efeitos concretos das novas tecnologias sobre o mundo do trabalho, evidenciando aspectos como a fragmentação e precarização da classe trabalhadora.

¹⁷ Nome fictício para o novo *site* da Líder Produções.

luta, onde uma decretará o final da outra, mas, antes, da associação entre elas rumo a algo novo.

Este trabalho defende a fluidez do consumidor de conteúdos adultos. Em determinados momentos ele busca um tipo de interação que pode ser mais pessoal, mas em outros demanda uma recepção mais “passiva”, uma sexualidade móvel entre as múltiplas possibilidades de desejo intermediado tecnologicamente disponíveis. Roy di Paul, um dos fundadores da Xplastic, defende, em concordância com os próprios responsáveis pelas plataformas de camming, que o site de cam entrega tecnologia e interação. Sendo assim, seria de uma ordem distinta que o pornô audiovisual. Para o produtor pornográfico, a maior concorrência para um site de webcam seriam os aplicativos multiplataformas de mensagens instantâneas e chamadas de vídeo/áudio, como o Whatsapp e o Telegram. Mas, deixando de lado um pouco a questão entre o *camming* e o pornô tradicional, a questão que fica para a próxima etapa deste texto é a seguinte: de que maneira toda essa discussão sobre bem-estar sexual e diversidade se materializa nos conteúdos das produtoras que serão analisadas subsequentemente?

Líder Produções: as melhores marcas do entretenimento adulto em um só lugar

Até o final do ano de 2023 e, conseqüentemente, durante a maior parte do período em que este trabalho foi desenvolvido, o endereço virtual da Líder era o Love (love.com), uma plataforma com mais de dez anos de continuidade e que apresentava algumas dificuldades técnicas frente ao novo momento que a indústria enfrentava no começo da década de 2020. E aqui precisamos ter em primeiro plano que o modelo de negócio promovido pela Líder segue a lógica das grandes *big techs* que visam atuar em todas as esferas de um segmento. A busca por liderar o mercado do entretenimento audiovisual adulto é um ponto crucial para o modelo de negócios da plataforma, que possui entre seus investidores um grande player do mercado global pornô que desde seus início buscou oligopolizar boa parte do mercado da distribuição pornográfica internacional.

Durante a pandemia ficou ainda mais evidente as limitações da antiga plataforma. Principalmente, durante as primeiras transmissões de câmeras ao vivo (*livecam*) que o antigo domínio produziu. As dificuldades técnicas de uma plataforma, desenhada para um outro momento da indústria pornô, aliadas ao processo de reposicionamento de uma marca com quase trinta anos de atuação favoreceram o

desenvolvimento de um novo sítio, o TASTY (tasty.com) inaugurado no primeiro mês do ano de 2024. O novo domínio permitiu ao escritório comando por Ana resolver alguns problemas técnicos, permitindo que a plataforma atue de forma mais incisiva nas transmissões de câmeras ao vivo e agregue novas marcas ao seu portfólio.

A nova plataforma também é responsável por “solucionar” a questão do aplicativo para dispositivos móveis e televisores *smart*. A restrição aos *apps* com conteúdos sexualmente explícitos nas lojas de aplicativos convencionais era um ponto crucial das dificuldades enfrentadas pela Líder Produções, mas através do novo ecossistema digital da plataforma é possível “burlar” essas restrições, a partir de algumas manobras. Basicamente, o TASTY disponibiliza em sua área de usuário manuais para que seus clientes consigam baixar o aplicativo através do próprio navegador dos dispositivos, habilitando algumas funções no painel de controle.

Em suma, a nova plataforma digital da Líder Produções é composta por produções de seis marcas: o LOVE, canal nacional que sempre foi o carro chefe da empresa e batizava o antigo domínio; o PTV, canal internacional que batiza o escritório e representa o principal investidor internacional da marca; o VE, o primeiro canal de sexo explícito da América Latina; o ST, marca criada em 2011; o HARD, canal que havia sido descontinuado da programação linear em 2015, mas que continuou ativo enquanto uma marca já consolidada, atua desde 1965 no cenário pornô estadunidense, nos domínios digitais da Líder Produções; e, por fim, a sexta marca presente dentro da plataforma, a PENT, marca também consolidada no mercado estadunidense desde o ano de 1965, mas que passou por vários processos controversos, inclusive falência, e foi incorporada pelo grupo PTV.

De fato, no que tange às transmissões de câmeras ao vivo, a Líder Produções não entrou no mercado dentro do mesmo modelo já estabelecido pelas grandes plataformas de *livecam*. A nova plataforma não atua enquanto uma intermediadora tecnológica entre performers e consumidores, onde qualquer performer pode distribuir seus conteúdos mediante a um cadastro. Aqui estamos falando de um *camming* selecionado, com uma faixa fixa aos domingos a noite, onde semanalmente uma modelo é escolhida para esse tipo de transmissões. No limite, a Líder, através do novo domínio TASTY, pelo menos nesse primeiro momento, não entra de fato em concorrência com as plataformas de venda de conteúdo. Ponto que vai ao encontro da perspectiva que Ana

apresentava para mim durante as nossas conversas, a diretora geral da marca não enxergava as plataformas de *camming* enquanto concorrentes e fazia questão de deixar isso claro sempre que possível.

Dentre as seis marcas presentes no portfólio do novo *site*, três delas (LOVE, PTV, VE) estão disponíveis 24 horas por dia através da transmissão em streaming dos canais lineares presentes na assinatura por tv à cabo. Há uma mudança crucial na experiência dos usuários, provocada pelo novo domínio digital, que é a possibilidade de interações ao vivo entre os assinantes do *site* através de uma caixa de diálogo, chat, que fica disponível para quem está assistindo os canais ao vivo e/ou vídeos pela plataforma. Este é um ponto chave pois aproxima a experiência do consumidor do *site* da experiência de consumidores de *camming*. A interação ao vivo, via chat, era um dos grandes atrativos, segundo os próprios gestores das plataformas de *camming*, de seus domínios. A aproximação com a interface e experiência de consumo de outros modelos de negócio, mostra que mesmo com o discurso comercialmente correto de não concorrência, as plataformas de pornô convencional, principalmente as com forte investimento e uma estrutura robusta, estão atentas às novas possibilidades comerciais.

Toda a discussão sobre o bem-estar sexual que promovemos, durante a segunda parte, a partir da aproximação com o campo dos produtores pornôs, em especial, nas entrevistas com Ana, se materializa na nova plataforma a partir das categorias e *tags* de busca. O novo *site* apresenta ao consumidor categorias como “Entretenimento” onde você encontra vídeos sobre estilo de vida; “Com história” focada no agrupamento de filmes que contam com um enredo dramático; “Para casais” concentrado em obras para casais consumirem em conjunto. Além disso, a plataforma não se concentra apenas em filmes heterossexuais, como no início do canal, apresentando também obras homossexuais masculinas, para além das cenas lésbicas e com mulheres trans e travestis que já gozam de uma boa aceitação com o público médio do pornô, homem hetero cis¹⁸.

A diversidade na plataforma nova está para além das orientações sexuais presentes, mas passa pela diversidade de formatos que vão de cenas e filmes pornográficos padrão, passando por cenas mais curtas e séries, até filmes cinematográficos convencionais onde há a presença do sexo, mas que foram produzidos, pensados e distribuídos no circuito do cinema convencional, agrupados na categoria

¹⁸ Sobre a questão da aceitação dos filmes lésbicas e trans pelo consumidor masculino ver trabalhos anteriores, em especial, Melo dos Santos (2021).

“Cine Sexy”, faixa regular de filmes convencionais do canal linear de tv a cabo da Líder.

Dessa forma, estamos analisando uma plataforma que segue e busca o modelo de distribuição em larga escala. Tanto diversidade como bem-estar sexual se encaixam aqui, no ecossistema de navegação da plataforma, enquanto categorias de consumo de vídeos. A plataforma apresenta entre suas categorias de navegação sessões do tipo: “trans”, “gay”, “lésbicas” e “educação sexual”. Há uma questão econômica/comercial atuando no sentido de que a plataforma rumo em direção às múltiplas formas de desejo pornográfico em busca de expandir sua base de assinantes. Diversidade se materializa no *site* enquanto diversidade de conteúdos, tanto em relação as categorias emicas do pornô como hétero, gay, lésbico, trans, gordinhas, coroas, entre outras, como, também, em relação aos formatos de vídeos disponibilizados que vão desde filmes de cenas curtas intercaladas até obras do circuito do cinema convencional como os filmes *Tinta Bruta* (Marcio Reolon e Filipe Matzembacher, Brasil, 2018) e o documentário *A rosa azul de Novalis* (Rodrigo Carneiro e Gustavo Vinagre, Brasil, 2019).

No limite, diversidade se materializa na plataforma da Líder na comunicação social de seus perfis nas redes sociais, e na ideia de que em um único domínio o consumidor encontra tudo. Ou como diz o lema do próprio site: “As melhores marcas do entretenimento adulto, em um só lugar”. O que difere em muito da proposta da plataforma da CY Porn, e que vai ficar cristalizado já na própria arquitetura e interface da plataforma que analisaremos em sequência. As diferenças se dão até mesmo em relação às propostas de cada uma das empresas, onde uma trabalha em uma escala macro de negócios, com investimento de players já consolidados no mercado do entretenimento, e a outra em uma escala mais micro guiada pela perspectiva do “faça você mesmo”. As diferenças na escala de negócios e das propostas pornográficas de cada sítio faz com que elas não estejam em uma concorrência direta o que permite que alguns conteúdos da CY Porn estejam disponíveis no *site* da Líder

CY Porn: arejando imaginários sexuais

A plataforma da CY Porn Desviante segue uma arquitetura diferente da da Líder Produções. Enquanto o ecossistema do domínio da Líder segue o modelo já estabelecido dos *websites tubes*, o *site* da CY Porn aproxima-se de um ecossistema de navegação de uma revista *online*, onde os vídeos sexualmente explícitos são disponibilizados mas não

são o único protagonista da página. O sítio da CY Porn se divide em oito blocos apresentados no canto superior esquerdo da tela: teasers, exclusivo, diversos, pornoshow, goze junto, sobre, login, e assine. Das oito sessões que compõem o *site*, apenas a sessão “exclusivo”, onde se localizam os filmes completos, requer assinatura mensal para o acesso.

Em seu site, a CY Porn se define enquanto uma “plataforma de pornô desviante construída coletivamente por mentes e corpos inquietos”. Segundo a plataforma, o coletivo busca “desenvolver outras lógicas de criação e consumo de pornografia, trabalhado a partir do desejo de quem está em cena e do consentimento das pessoas envolvidas nos projetos”. Neste ponto, encontramos dois pontos fulcrais da proposta da CY Porn, a construção coletiva e a preocupação com a produção de um pornô contra hegemônico e que segue determinadas balizas éticas de produção como o respeito ao desejo dos performers e o consentimento dos profissionais envolvidos. Por fim, a CY Porn se define enquanto uma plataforma onde “o conteúdo é apresentado a partir das práticas realizadas, sem divisão de corporalidades ou sexualidades, um convite para arejar imaginários sexuais” e aqui temos o coração da proposta do coletivo, romper com os padrões da pornografia convencional a partir de premissas pós pornográficas e desviantes materializada na ideia de apresentar os conteúdos sem recorrer as categorias e estereótipos clássicos da pornografia.

Pela sua estrutura, em coletivo, a CY Porn apresenta uma diversidade de colaboradores que exercem, geralmente, mais de uma função a depender dos projetos audiovisuais. Diferentemente do domínio da Líder Produções, onde não há qualquer menção às profissionais que compõem o escritório carioca¹⁹ ou aos *performers* dos filmes disponibilizados, no *site* da CY Porn, ao final da sessão “sobre”, o assinante encontra fotos e breves biografias dos profissionais envolvidos com a produtora. Das 18 biografias disponibilizadas na plataforma, sem contar outros profissionais envolvidos com a produtora que ali não se encontram apresentados, pelo menos 10 são de pessoas que se autodefinem como travestis, transexuais, homens trans e /ou pessoas não

¹⁹ Essa questão pode ser explicada também pela natureza distintas das produtoras. Enquanto na CY Porn os profissionais envolvidos são por muitas vezes performers/artistas envolvidos diretamente nas cenas e na produção dos filmes, a Líder segue um modelo de estrutura totalmente diferente focado no modelo empresarial. As profissionais que compõem o escritório da Líder Produções são profissionais do mercado empresarial nada envolvidos com a produção pornô em si. São profissionais de carreira no mercado do entretenimento e marketing, acostumadas às dinâmicas empresariais das agências de propaganda e comunicação, sendo mais fácil encontrar informações a respeito delas nas redes sociais do mundo corporativo, como o *LinkedIn*.

binárias, 4 das biografias apresentadas são de mulheres cis e 4 são de homens cis. Mais do que categorizar os envolvidos, busco apresentar ao leitor a diversidade de sujeitos que compõem o coletivo, o que influencia diretamente na proposta da produtora.

Todas as sessões do *site* da CY Porn, exceto a aba “Exclusivo”, localizadas no canto superior esquerdo da tela de navegação, são abertas e gratuitas mediante a um cadastro na própria plataforma. Na sessão “Diversos”, o assinante encontra “uma galeria de conteúdos sobre sexualidade, erotismo e pornografia, em distintas linguagens e perspectivas”, nas palavras da própria CY Porn. É na sessão “Diversos” onde encontramos uma série de ensaios, textuais e/ou imagéticos, que versam sobre diferentes aspectos da sexualidade contemporânea, sendo possível encontrar *making of* de filmes já produzidos, vídeo performances, curtas, clipes musicais, textos ensaísticos, fragmentos de trabalhos já publicados como livros, performances artísticas e textos de cunho acadêmico.

A sessão “Diversos”, para além da aba “Exclusivo”, é um ponto central da experiência do usuário na plataforma que permite conectar toda a produção da CY Porn com suas fundamentações políticas e filosóficas. É nessa sessão que se encontram lado a lado trabalhos de intelectuais que pensam a pornografia no Brasil e na América Latina com textos e vídeos que tematizam a questão do HIV, do BDSM, da Covid, do trabalho sexual intermediado por plataformas digitais entre outros temas e performances audiovisuais de artistas mais ou menos consolidados no campo da arte explícita.

Já pela descrição das sessões que compõem a plataforma digital da CY Porn fica perceptível suas diferenças em relação à plataforma da Líder, sendo que o domínio da CY Porn apresenta-se ao seu consumidor por meio de várias linguagens, não somente o vídeo. Mesmo que, durante as pesquisas que realizei junto aos meus interlocutores, o discurso de bem-estar sexual e valorização da diversidade tenha sido muito presente, principalmente, no que se referia a Líder Produções e as participações de Ana na mídia. Será no site da CY que essa proposta ganhará, mesmo que em outros termos, aspectos políticos e não tanto mercadológicos. Antes de promovermos um juízo de valor através desta investigação, interessa-me aqui evidenciar que uma plataforma promove essa discussão pela via do mercado, onde o conceito de *wellness* é central, e outra pela via da política e identidade, mesmo que não sejam fixas, por isso no sítio da CY Porn é fundamental a foto e a bio dos profissionais envolvidos no coletivo.

Toda a proposta de uma plataforma como a do coletivo CY Porn desviante passa por recuperar a dimensão política do pornô, indo ao encontro das influências pós-pornográficas e de Paul Preciado, algo que radicalmente oposto à proposta da Líder. A pós-pornografia é um conceito que ganha força durante a década de 1980, a partir dos trabalhos de artistas como Annie Sprinkle e seu “*Post-Porn Modernist*” e os trabalhos do alemão Wink Van Kempem. Entretanto, teoricamente, o trabalho de Walter Kendrick (1987) é um dos primeiros, se não for o primeiro, a articular o conceito de “Post-pornographic Era” para pensar um novo momento das discussões sobre pornografia iniciado no final da década de 1960. Para Kendrick (1987), o debate a respeito da pornografia passaria da esfera da moral e dos bons costumes rumo a esfera política na “era pós-pornográfica”.

Basicamente, conforme aponta o trabalho de Erica Sarmet (2014), a pós-pornografia eclode enquanto um movimento que possui como objetivo o desejo pela confrontação e desconstrução do imaginário sexual vigente, a partir da representação de práticas, corpos e gêneros historicamente marginalizados, aliados a recusa dos discursos, estéticas e narrativas tradicionais da pornografia comercial, heterossexualmente orientada. Diana Torres (2010), referencia no cenário pós-pornográfico espanhol com seu “pornoterrorismo”, reconhece que um dos grandes problemas da pornografia convencional hetero é, justamente, a promoção de uma “pedagogização” dos corpos e das práticas sexuais perpetuadas por essas produções. Assim, a pós-pornografia visa recompor a relação estabelecida entre o pornográfico e o político estabelecida desde as “origens da modernidade” (Hunt, 1999).

No limite, poderíamos afirmar que o pós-pornô seria a materialização artística das críticas queer, pós-colonial e pós-identitária no campo pornográfico. Explorando os limites entre corpo e máquina, tecnologia e cotidiano, privado e público, indivíduo e sociedade, pertencimento e território (Sarmet, 2014). Todos os binômios acima compõem parte das temáticas exploradas pela CY Porn em suas obras autorais. A cultura DIY da CY Porn Desviante é marcada pela reflexão sobre os limites da relação corpo e máquina, como no filme “*Ciborgue Tecnorgástico*”²⁰, da relação tecnologia e

²⁰ Em uma realidade alternativa, “Tecnorgástica” narra a criação de um ciborgue por uma deusa, utilizando tecnologias orgânicas avançadas. Este relato misterioso, descoberto na dark web e acessível apenas através de fitas magnéticas, revela uma saga onde o divino se entrelaça com o tecnológico. À medida que uma nova tecnologia decifra este enigma, desdobra-se uma trama que explora as profundezas do desejo e da sensação, desafiando o espectador a repensar a essência da vida e do êxtase na junção da mitologia e da inovação orgânica.

cotidiano, como no filme “*Pornô do pornô*”²¹, privado e público, como em “*Exibidas*”²², indivíduo e sociedade, como na série de filmes intituladas “*Autoprazer*” e na sessão “*Goze Junte*”, e a relação entre pertencimento e território, como no filme “*Putos do centro*”²³.

Mas a CY Porn não se define enquanto uma produtora de pós- pornô, mas, antes, enquanto uma produtora de pornografia desviante. Como aponta o trabalho de Jeffe Grochovs (2022), a CY Porn pretende incorporar a crítica pós-pornográfica em uma linguagem pornô convencional. Sendo a noção de “hacking” fundamental para sua proposta estética e política. Desse modo, a aproximação da produtora com grandes *players* do pornô convencional, como a Líder Produções, é um ponto estratégico dessa cultura hacker e da ética desviante que a produtora visa fomentar. A própria pós-pornografia não deve ser tomada como um movimento uniforme com códigos rigidamente estabelecidos, mas antes enquanto um movimento composto por uma pluralidade de fomas onde as imagens sexuais são usadas muitas vezes para provocar. No limite, e diferentemente da ética pornográfica desviante trabalhada pela CY, a finalidade última dos conteúdos pós- pornográficos não é a excitação do consumidor, mas a provocação e a repolitização do pornográfico.

O coletivo CY Porn reconhece a dimensão política da estética em suas produções, mas não deixa de ter como um dos objetivos de suas obras a característica fundamental do pornô, a busca pelas “ressonâncias carnavais” (Paasonen, 2011) nos espectadores, tomando o gozo enquanto uma ferramenta política de desestabilização e construção de novos imaginários sexuais. A ideia de “imaginação pornográfica” (Susan Sontag, 1987) é muito mais produtiva para pensarmos esses conteúdos do que encararmos a pornografia enquanto uma simples categoria/gênero. Sontag (1987) articula essa noção de imaginação para pensar a complexidade do pornoigráfico em suas múltiplas dimensões (simbólica, cultural, estética e política). Assim, para Sontag (1987), a imaginação pornográfica seria uma forma de imaginação que se projeta na arte, e acessa de modo *sui generis* a verdade. Como aponta Sarmet (2014), a imaginação

²¹ Em mais um encontro visceral, Tormenta Cósmica e Mario abusam do experimentalismo, fodendo intensamente sem se tocar. Cada performer utiliza uma câmera para registrar a foda, desfrutando dos papéis de exibicionista e voyeurista.

²² Duas danadas se aventuram em uma putaria pelas ruas, marcando sua passagem com o delicioso líquido do gozo.

²³ Num encontro ao acaso na praça Roosevelt, Mika seduz Sadan para subir no seu apartamento. Num jogo de poder, Mika convence o rapaz a usar a abusar do seu corpo, numa foda fetichista, suada e tesuda.

pornográfica seria uma transgressão que produz conhecimento e que por isso a pornografia, em seu surgimento enquanto categoria, nasce sob o prisma da regulamentação e como algo que deva ser vigiado.

Acredito que a reflexão de Susan Sontag (1987) sobre a imaginação pornográfica nos ajuda a compreender a centralidade que a noção de “hackear imaginários sexuais” têm na proposta estética desviante da CY Porn. Além disso, a noção de “contrassexualidade”, trabalhada por Paul Preciado (2017) e inspirada na “contraprodutividade” que aparece em Michel Foucault (1988), é fundamental para compreendermos a proposta pornô da CY. O próprio nome da produtora evidencia essa conexão ao ser fruto de uma junção de uma gíria para o anus com a expressão DIY.

O anus, ou se preferir o cu, é central na argumentação de Preciado (2017:129) a respeito da construção tecnológica e teatral da verdade natural dos sexos evidenciando a tecnologia biopolítica custoso que atua na produção dessas verdades cujo o pênis é o principal símbolo da sexualidade moderna, surgida a partir da modernidade sociológica do século XIX, que transformou o sexo em uma “tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros(...)” (Preciado, 2017: 25). O cu, no trabalho de Preciado (2017), aparece enquanto uma ferramenta política de desestabilização de certezas e verdades a respeito do sexo, assim como a pornografia desviante da CY Porn busca desestabilizar as verdades do pornô convencional.

Considerações finais: Pornografia é bem-estar e diversidade, novos paradigmas da produção pornográfica na era do smartphone

O presente artigo buscou produzir uma análise crítica da produção pornô brasileira contemporânea. Para tanto, a noção de mobilidade foi fundamental para compreendermos como a produção de conteúdos pornográficos atualmente, intermediada principalmente por dispositivos móveis de acesso à rede, se dá de maneira mais fluida tanto em formatos como em conteúdos. A partir do trabalho de campo, ficou cada vez mais evidente a pertinência de um discurso sobre bem-estar sexual e valorização da diversidade por parte do campo do entretenimento adulto.

Independentemente das visões a respeito do fazer pornográfico de cada produtora analisada, o que a nossa análise percebe é um processo de reaproximação da

pornografia com a política, seja via mercado ou não, e o reconhecimento, em partes, do aspecto pedagógico do pornô. No caso da pornografia convencional produzida pela Líder Produções, essa aproximação se dá de forma camuflada, através do conceito de *sexual wellness*, utilizado enquanto ferramenta para a inserção de novos consumidores às suas bases sem romper com o consumidor médio da pornografia, homens cis hétero brancos, avesso a determinadas discussões contemporâneas como feminismo e a valorização da diversidade sexual.

Já o projeto de pornografia desviante da CY Porn caminha na direção oposta, assumindo-se enquanto um projeto político para o pornô onde as influências politico-acadêmicas são evidenciadas constantemente no discurso da própria plataforma. Seja pelo viés mais mercadológico ou político, cada vez mais na “era do *smartphone*” a pornografia tem se tornado um conteúdo múltiplo, onde a mobilidade não está somente nas ferramentas utilizadas para o acesso e consumo, mas também nas coreografias sexuais encenadas em tela.

Referências bibliográficas

BARSS, Patchen. **The erotic engine: How pornography has powered mass communication, from Gutenberg to Google paperback**. Newfoundland: Doubleday Canada, 2011.

CARVALHO, Eliane Knorr de. **Sexo no Mercado: produção de verdades, desejos e moral**. Tese doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade**. Tese apresentada ao concurso de livre-docência, Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, junho de 2010.

GROCHOVS, Jeffé. “Trajetos desviantes para uma pornografia dissidente”. In: MELO, Rogério; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; STUBS, Roberta (orgs.). **Kuirartizar as más-turbações fascistas: como inventar para si políticas de descontrole**. Salvador: Devires, 2022

GROHMANN Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. In: **Revista EPICT**, vol. 22, nº 1, p.106-122, jan.-abr. 2020

HUNT, Lynn. Obscenidade e as Origens da Modernidade (1500-1800). In: HUNT, Lynn(org.), **A Invenção da Pornografia**, São Paulo: Hedra, 1999b.

KENDRICK, Walter. **The Secret Museum: pornography in modern culture**. Nova York: Penguin, 1987.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MELO DOS SANTOS, Dionys. **O desejo pelas travestis brasileiras: do Cinema da Boca do Lixo à pornografia digital**. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021.

MOULIER- BOUTANG, Yann. **Le capitalisme cognitif: La nouvelle grande transformation**. Paris: Amsterdam, 2007.

PAASONEN, Susanna. **Carnal Resonance. Affect and online pornography**. Cambridge: The MIT Press, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____ Museu, lixo urbano e pornografia. In: **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n.

8, p. 20–31, 2018b.

_____ **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1edições, 2017

SARMET, Erica, Pós-pornô, dissidência sexual e a *situación cuir* latino-americana: pontos de partida para o debate. In: **Revista Periódicus**, 1ª edição, maio-outubro de 2014

SONTAG, Susan. “A imaginação pornográfica”. In: **A vontade Radical – Estilo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SRNICEK, Nick. **Platform Capitalism**. London: Polity, 2016.

TORRES, Diana J. **Pornoterrorismo**. Tafalla: Txalaparta, 2010